

## O NACIONALISMO P

Nos ensaístas de 1920 e 1930 existe um comum traço nacionalista, alimentado prioritariamente pela acusação do mimetismo. Todavia, há características diferenciadas entre os autores de cada década, acentuadas pelo rompimento representado pela Revolução de 30.

Um problema coloca-se inicialmente, representado pela definição dos critérios de avaliação dessas características: como classificar o nacionalismo? Para operacionalizar a discussão, utilizarei a tipologia de Girardet<sup>20</sup> como instrumento de análise. Sem entrar no mérito da discussão, buscarei critérios que permitam a compreensão das formas pelas quais o nacionalismo aparece nos diversos autores. Nesse trabalho, Girardet mostra que existe uma diferença entre um nacionalismo amplo, que surge antes da constituição do Estado-Nação, e um nacionalismo específico, dentro do quadro de um Estado-Nação já constituído. O segundo, no plano político, dá prioridade à defesa da independência e da afirmação da grandeza do Estado-Nação: no plano moral-ideológico, tem atrás de si a exaltação do sentimento nacional. Creio que a abordagem do momento moral-ideológico constitui-se no plano mais importante para a análise dos ensaístas indicados.

Segundo o autor, existem temas que aparecem reiteradamente no debate nacionalista: a soberania, a unidade, o historicismo e a pretensão à universalidade<sup>21</sup>. Nesse sentido, nacionalismo corresponderia à vontade de ver coincidir a realidade jurídico-política do Estado com a realidade sociológica que o grupo nacional representa, isto é, um grupo que tomou consciência de sua própria individualidade. *Sobrerania e unidade* andam juntas, na medida em que expressam uma vontade essencial de defesa e reforço da coesão do grupo nacional. Isto se dá a partir de uma série de procedimentos dos quais os mais importantes são: o retorno a valores históricos da sociedade e a afirmação do *conteúdo universal da civilização* nacional.

Parece-me que essas características surgem na obra dos ensaístas brasileiros dos anos 20. O retorno a valores históricos é ressaltado de forma ampla a partir de uma revalorização da influência lusitana na formação nacional. Este traço aparece em vários autores e

ACIOX - DAGV  
Prof.: Ana Cristina/Bresser  
Depto.: FSJ  
Qrde.: 05  
Pastas:

G-05

será retomado fortemente por Gilberto Freyre ainda na década de 1920<sup>22</sup>. A afirmação do valor universal da civilização nacional formula-se incisivamente de várias formas nos autores apontados. Poderia ser resumida na seguinte afirmação: *no momento que ultrapassarmos o espírito negativista da descrença nas potencialidades do país, resgataremos seu poder, riqueza e idéias. É então que o mundo curvar-se-á diante do Brasil, reconhecendo sua importância.*

De outro lado, podemos perceber que nesses autores o sentimento de superioridade, que poderíamos denominar de *nacionalismo ofensivo* está pouco presente. Antes, notamos a presença de um *nacionalismo defensivo*, isto é, a defesa e preservação da unidade da sociedade nacional e de uma organização política que lhe seja adequada. Isso explica, em parte, a forte presença do debate nacionalista no período.

Girardet indica seis critérios para a compreensão das formas de manifestação do nacionalismo: a situação histórica, a evolução econômica, a motivação doutrinária e ideológica, a atitude social, a atmosfera de civilização, a atitude religiosa. Malgrado os limites de toda a tipologia, aceitando esse quadro, creio ser o debate sobre o *clima de civilização* o que caracteriza o nacionalismo dos ensaístas dos anos 20 e início dos 30. Os autores buscam mostrar – ressaltamos os debates dos modernistas – que as diferentes formas que assume a cultura nacional podem ser incorporadas ao grande movimento civilizatório mundial. Gilberto Freyre, já nos trabalhos da década de 1920, mas principalmente naqueles de 1930, trará uma das mais ricas contribuições a essa reflexão.

É certo que ao ler os textos do período percebemos que, embora de inspiração diferenciada, o que caracteriza o debate nacionalista dessa época é sua marca conservadora. É claro que há articulações entre as diferentes tendências, mas poderíamos dizer que o *conservadorismo transforma-se no estilo de pensamento da época*, marcando fortemente os encaminhamentos dados à política. As formulações em torno da centralização, que propõem a necessidade de um Estado forte para viabilizar a consolidação da sociedade, ou as proposições sobre as tarefas das elites, ressoam essa tendência.

Mas, mesmo apresentando diferentes posições no espectro ideológico, os ensaístas de 20 buscam, como um todo, a criação de uma

atmosfera de civilização, tendência que ganha corpo principalmente ao se voltarem à tarefa de levar a sociedade brasileira a *apossar-se integralmente de si mesma*. Nesse processo há um retorno aos valores da civilização através dos quais ela se define, se reconhece e se distingue das outras sociedades. É nesse clima que se retoma o debate sobre *raça e civilização*. É este o pano de fundo para a discussão de *educação e cultura*. A sociedade assumir-se tal qual é e diagnosticar os entraves que isso representa: eis o segredo da *compreensão da sociedade brasileira*.

Tasso da Silveira é autor significativo do caminho que assume a discussão, articulando os dois problemas.

Todo e qualquer estudo sobre a arte, o pensamento, a inteligência brasileira, deveria partir da consideração inicial de nosso problema étnico. Porque os dados deste problema é que nos darão a razão do formidável contraste entre o tumulto criador do nosso mundo íntimo e a relativa exigüidade do que até agora conseguimos realizar; entre o perpétuo adiamento da manifestação integral do que somos e a nossa infatigável esperança. Uma grande arte e um grande pensamento só podem provir de uma raça definitivamente cristalizada. Enquanto permanece um povo no período dos profundos caldeamentos, não podemos esperar dele a serenidade fecunda de que nascem as grandes manifestações espirituais. (...) Não se deu no Brasil, como em outros jovens países, a transplantação de uma velha raça européia que se conservasse quase intata, (...) Nós viemos verdadeiramente do princípio, começamos a constituir uma raça verdadeiramente nova. Mas, por isso mesmo, teremos de suportar mais longa espera, mais longa aprendizagem<sup>23</sup>.

De certo modo, criar uma atmosfera de civilização significa, para esses autores, assumir o papel que o Brasil representa no conjunto das nações e imbuir-se do sentido da tarefa a desempenhar: a integração do país é peça fundamental ao equilíbrio da civilização ocidental. Esse equilíbrio não se faria através de um processo de uniformização, mas mantendo-se as particularidades locais, raciais e históricas.

Há, certamente, e seria absurdo que não houvesse, pontos numerosos de semelhança entre o nosso grupo nacional e os outros grupos nacionais do mundo civilizado. Herdamos o mesmo cabedal de elementos

civilizadores, a mesma cultura, os mesmos ideais, as mesmas instituições políticas e sociais e continuamos a respirar dentro do ambiente cultural, em que eles respiram, e a vibrar, tanto quanto possível, ao ritmo das suas aspirações, sentimentos e idéias. Somos parte integrante de um grande todo: nele estamos e dele participamos por milhares de dependências claras e visíveis umas, obscuras e invisíveis outras, mas não menos sensíveis e eficientes. Mas, embora todas essas atinências e afinidades, dependências e semelhanças, não nos confundimos: somos diversos por muitos aspectos, distintos por muitos lados, peculiares e exclusivamente nós mesmos por muitos modos de ser e de existir<sup>24</sup>.

A retomada de um novo clima de civilização aparece, nos ensaístas de 20, antes como uma inquietação do que através de propostas que possibilitem à sociedade assumir-se integralmente. A partir dos novos critérios para a análise sociológica introduzidos por Gilberto Freyre na década de 1930, este processo tomará corpo de modo diverso, levará a outra direção as sugestões do ensaísmo dos anos 20 e alterará a reflexão sobre o social. *Casa-grande & senzala* marca definitivamente a necessidade de assumirem-se os valores culturais em torno dos quais gira o social, os quais levam a sociedade brasileira a se distinguir das outras. É nesse ponto de inflexão que se coloca a obra freyriana.

A idéia de o Brasil alcançar um nível de civilização que o torne par das Nações Ocidentais está presente no debate sobre a *ilustração*, a qual segundo os ensaístas de 20 deveria iniciar-se nas camadas "superiores" mas pretendendo atingir os estratos "inferiores" da sociedade. A metáfora de José Antonio Nogueira exemplifica a posição ao comparar o fenômeno nacional com o sol nas regiões montanhosas. "Doura primeiro os píncaros mais arrojados, para depois ir gradualmente iluminando as quebradas, os vales e os abismos. Chegará por certo um momento em que a luz, caindo do alto, dissipará as mais espessas cerrações e inundará os mais sombrios recessos"<sup>25</sup>.

No quadro da "ilusão ilustrada", surge a proposta da educação, forma através da qual a sociedade poderia assumir-se integralmente. O que marca o debate é seu caráter de transformação política: ao lado da difusão da instrução, coloca-se a necessidade do voto secreto, forte golpe nos setores oligárquicos<sup>26</sup>.

A esta cena Gilberto Freyre adicionará novo elemento que se tornará ponto de retomada da discussão da questão nacional: mostrará que existem valores da cultura que têm sido menosprezados pelos intelectuais, os quais devem ser retomados para a manutenção do equilíbrio social. Isto marca o caráter do nacionalismo freyreiano. Ilustração desse traço é a forma pela qual discute a extensão da alfabetização como uma resolução tensa: de um lado, como componente fundamental à passagem para uma nova etapa técnica necessária ao progresso; de outro, como elemento homogeneizador, demolindo ricas sobrevivências culturais que, destruídas, empobreceriam sobremaneira o legado da civilização universal<sup>27</sup>.

Mais dois elementos indicados por Girardet devem ser lembrados como critérios à compreensão do nacionalismo dos anos 1920 e início dos 1930: a situação histórica e a evolução econômica. O Brasil, às vésperas da Revolução de 30, encontra-se numa situação histórica favorável à mudança no caráter do nacionalismo. Sem estabelecermos relação mecânica, é possível constatar que existe correspondência entre as diversas etapas de desenvolvimento econômico e as diferentes formas de nacionalismo. O país via-se, naquele momento, num ponto de transição econômica, política, social e cultural que impunha a mobilização da sociedade em torno de um novo projeto político.

Inaugura-se, assim, um novo momento de “civilização”: nem o “velho” modo de organizar a sociedade, nem somente as “novas” formas de encarar o social. O que passa a ser buscado é uma ordem fundamental à consolidação da “nova Nação”. É nesse cenário que se desenvolve o debate sobre a questão racial, componente fundamental da questão nacional.

## A QUESTÃO RACIAL

A abolição da escravatura colocou a sociedade brasileira face a um problema: como inserir o negro nos quadros sociais? Florestan Fernandes<sup>28</sup> aponta para o impasse definido pela dualidade *igualdade perante a lei/desigualdade real*: à nova condição jurídico-política dos ex-escravos não correspondeu imediatamente o exercício